

REGISTROS RUPESTRES DO NOROESTE DO PARÁ

*Edithe Pereira**

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados preliminares do estudo sobre os registros rupestres da região noroeste do Estado do Pará. Com base no material analisado consideramos, a nível de hipóteses, a existência de três Tradições: duas relativas a pinturas rupestres – Tradição Monte Alegre e Tradição Alenquer, e uma relativa à gravuras rupestres – Tradição Amazônia.

A região noroeste do Estado do Pará¹ é tradicionalmente conhecida, em termos arqueológicos, pelos estudos das evidências cerâmicas e de alguns artefatos líticos encontrados, principalmente, no Município de Santarém e ao longo dos rios Trombetas, Cuminá, Nhamundá e Paru (Barata, 1944, 1950, 1951, 1953, 1953a, 1954; Corrêa, 1965, 1971, 1992; Easby, 1952; Farias, 1946; Figueiredo, 1954, 1963, 1982; Hartt, 1895; Hartt, 1898; Hilbert, 1955, 1955a, 1959, 1982; Hilbert & Hillbert, 1980; Menezes, 1972; Nimuendaju, 1949; Nordenskiöld, 1930; Oliveira, 1939; Palmatary, 1939, 1960; Rocha, 1885; Rodrigues, 1899; Roosevelt, 1991; Simões, 1976). Algumas informações sobre a arqueologia da região do Tumucumaque foram fornecidas por Frikel (1961, 1963, 1969) a partir da análise de vestígios cerâmicos e da documentação de algumas gravuras rupestres existentes na referida região.

Informações mais recentes sobre o noroeste do Pará, particularmente, as regiões de Porto Trombetas e de Cachoeira Porteira podem ser encontradas em resumos de congressos (Neto, 1987; Araújo Costa et. all, 1986a) e nos relatórios de salvamento arqueológico, ainda inéditos, das referidas áreas (Kalkmann & Neto, 1985; Neto & Kern, 1985; Araújo Costa, et. all, 1986).

* Museu Paraense Emílio Goeldi.

1. A região noroeste do Pará compreende uma área de cerca de 271.000Km, abrangendo os Municípios de Faro, Oriximiná, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre, Almeirim e parte do Município de Prainha.

Na maioria dos trabalhos acima mencionados observa-se o predomínio de estudos voltados para a análise da cerâmica — principalmente aquelas atribuídas as Culturas Tapajó e Konduri. Esta opção se dá em função do direcionamento teórico das pesquisas arqueológicas realizadas na Amazônia que, até fins dos anos 80, não levavam em consideração os demais vestígios arqueológicos existentes na região.

Os registros rupestres foram as evidências arqueológicas que menos atenção receberam por parte dos arqueólogos que desenvolveram pesquisas no noroeste do Pará. Apesar de não incluídas nas pesquisas arqueológicas da região, as pinturas e gravuras rupestres ocorrem em grande quantidade em todo o noroeste paraense, sendo sua presença registrada desde o século XVIII por diversas pessoas que percorreram a região. Ao lado desses registros há ainda uma série de informações orais provenientes de diversos pontos do noroeste paraense.

Apesar da existência do grande número de informações bibliográficas/visuais e orais não se registra, até fins da década de 80, nenhuma pesquisa sistemática que inclua o estudo destas manifestações gráficas no seu contexto arqueológico. Destacamos apenas o trabalho de M. Consens que apresenta uma avaliação do potencial arqueológico do Município de Monte Alegre no que se refere as pinturas rupestres dessa região (Consens, 1989).

Em fins dos anos 80 iniciamos um trabalho de coleta e sistematização das informações bibliográficas e orais sobre a existência de registros rupestres na Amazônia Legal Brasileira, em particular, nos Estados do Pará, Maranhão e norte do Estado do Tocantins. O resultado deste trabalho demonstrou ser o noroeste do Pará a região com maior número de informações (Pereira, 1990).

Tomando como ponto de partida os resultados oferecidos por este trabalho iniciamos, no noroeste do Pará, uma prospecção nos Municípios de Oriximiná, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre e Prainha, com vistas a iniciar o estudo sistemático dos registros rupestres e inserí-los no contexto arqueológico da região.

Os resultados apresentados neste trabalho tem como base as fontes bibliográficas/visuais² que mencionaram a existência de registros rupestres

2. Essas fontes referem-se, basicamente as crônicas de religiosos, viajantes e naturalistas, relatórios de geólogos e de técnicos da Comissão Brasileira Demarcadora

tres e a prospecção que realizamos na região. As informações obtidas permitiram uma análise preliminar das pinturas e das gravuras rupestres do noroeste paraense e são apresentadas aqui a nível de hipóteses.

As pinturas rupestres

Foram registrados 15 sítios com pinturas rupestres, sendo 11 no Município de Monte Alegre, 4 no Município de Alenquer e 1 no Município de Prainha.

Os sítios com pinturas rupestres aparecem concentrados, até o presente momento, na parte central da área estudada — os Municípios de Alenquer e Monte Alegre. Em ambos Municípios a vegetação predominante na área onde estão localizados os sítios é de campos de terra firme (Shubart, 1983; IBGE & SUDAM, 1990). Geomorfologicamente as duas regiões apresentam diferenças. Em *Alenquer* o relêvo é residual de tipo ruiforme (Guerra, 1987) onde o suporte para as pinturas é constituído, basicamente, por abrigos-sob-rocha e blocos rochosos ao ar livre que se distribuem pelo terreno formando intrincados laberintos. Em *Monte Alegre* o relêvo também é residual mas de tipo planático formando conjuntos de serras isoladas, cujas altitudes variam entre 50 e 220 metros (Hartt, 1897/98; Silveira et. alli, 1984). Nessa região os sítios com pinturas rupestres encontram-se em paredes a céu aberto e nas partes interna e externa de grutas localizadas nas encostas das serras do Ererê, Paytuna e Bode.

Cada uma dessas áreas³ — a que apresenta *relevo ruiforme* e a que apresenta *relevo planático* — apresenta pinturas rupestres, cuja

de Limites (principalmente os de fins do século XIX e primeira metade do século XX) e trabalhos de indigenistas e etnólogos. Também usamos como fonte de informação fotografias e desenhos inéditos pertencentes ao acervo particular de pesquisadores do Museu Emílio Goeldi.

3. Os limites de ocorrência dessas duas formas de relêvo não coincide com os limites políticos de cada Município. O relevo residual de tipo planático ocorre dentro dos limites políticos do Município de Monte Alegre e, o relevo residual de tipo ruiforme ocorre na área dos dois Municípios em questão. Por esse motivo mencionaremos os conjuntos gráficos de acordo com o tipo de relevo a que estão associados e não ao Município onde ocorrem.

análise, nos permitiu observar a existência de diferenças gráficas e técnicas o que sugere a existência de dois conjuntos gráficos distintos entre si.

No conjunto gráfico que ocorre na região das serras (relevo planáltico) verificou-se a ocorrência de policromia (vermelho, amarelo e preto), onde o vermelho — com vários matizes — é a cor predominante. Tecnicamente, os grafismos elaborados em vermelho diferem dos grafismos elaborados em amarelo, os quais apresentam um traçado mais grosseiro. No caso das figuras bicromadas, observou-se que os traços amarelos não acompanham o mesmo nível técnico dos traços elaborados em vermelho. Em vários sítios observou-se o aproveitamento de saliências e reentrâncias da rocha para composição de figuras.

A nível da apresentação gráfica, verificou-se a existência de grafismos reconhecidos, representados por figuras antropomorfas e zoomorfas que se apresentam, geralmente, em posição estática. Algumas dessas figuras apresentam o interior do corpo preenchido com formas geométricas (fotos 1 e 2), outras tem o interior completamente preenchido ou apenas contornado. Poucas figuras antropomorfas apresentam algum traço que permita a indentificação do sexo. Em várias figuras observa-se a representação dos dedos, tanto nos membros superiores como nos inferiores (fotos 1 e 2). Representações de rostos e mãos em positivo apresentam-se em quantidade expressiva (foto 3). Os grafismos não-reconhecidos ocorrem nas mais variadas formas e aparecem compondo painéis ao lado de grafismos reconhecidos.

Os elementos que definiriam esse conjunto gráfico o qual consideramos como a hipotética *Tradição Monte Alegre* de pinturas rupestres seriam:

1. Policromia;
2. Aproveitamento das saliências e reentrâncias naturais da rocha para a elaboração de figuras;
3. Impressão de mãos em positivo;
4. Predomínio das figuras antropomorfas em relação as figuras zoomorfas;
5. Diversidade na apresentação gráfica das figuras antropomorfas;
6. Figuras antropomorfas representadas com os traços identificatórios do rosto.

Na região com relevo ruiforme as pinturas rupestres são, predominantemente, representadas por grafismos não-reconhecidos que se apresentam em formas que vão desde as mais simples até as muito elaboradas. Gráficamente, predominam e caracterizam a área as figuras bastante elaboradas, cuja composição de motivos indica uma técnica cuidadosa de confecção (fotos 4 e 5).

Os grafismos reconhecidos ocorrem de forma minoritária e são representados por figuras antropomorfas e zoomorfas. Estas figuras estão sempre em posição estática e não apresentam qualquer traço que indique o sexo. O interior do corpo dessas figuras é sempre preenchido integralmente e, algumas delas apresentam a extremidade dos membros em tridígitos. Verificou-se também grupos de figuras antropomorfas dispostas lado a lado e ligadas entre si pela extremidade dos braços como se estivessem de mãos dadas. Entre os grafismos reconhecidos encontramos duas representações de patas de felino.

As pinturas rupestres da região com relevo ruiforme até agora estudadas apresentam-se elaboradas apenas a cor vermelha.

Os elementos observados neste conjunto de pinturas rupestres nos permite considerar as seguintes características para a hipotética *Tradição Alenquer*:

1. Monocromia;
2. Domínio técnico na execução de formas arredondadas;
3. Predomínio de grafismos não reconhecidos;
4. Grafismos não-reconhecidos se caracterizam por apresentarem formas muito elaboradas;
5. Representações antropomorfas e zoomorfas são representadas de forma minoritária e se apresentam tecnicamente pouco elaboradas.

As diferenças entre as pinturas rupestres das duas regiões são observadas tanto no plano técnico como no plano gráfico. As pinturas da região com relevo ruiforme são elaboradas, basicamente, em vermelho e apresentam um domínio maior na execução do traçado; em termos gráficos predominam os grafismos não-reconhecidos que se caracterizam pela presença de figuras bastante elaboradas. De maneira contrária, na região das serras os grafismos não-reconhecidos se apresentam com formas simples e sem o domínio técnico observado nas pinturas dos sítios da região com relevo ruiforme. As representações de rostos, a impressão de mãos em positivo e a policromia, que são

comuns na região das serras não foram observadas na região com relevo ruiforme.

As gravuras rupestres

A existência de gravuras rupestres no noroeste do Pará foi registrada ao longo dos cursos d'água — em cachoeiras, lajeiros e paredões nas margens dos rios — e em abrigos-sob-rocha localizados, tanto nas proximidades de rios como no alto de serras.

Tomando como base as informações bibliográficas/visuais existentes (Albuquerque, 1922; Coudreau, 1901, 1903, Cruels, 1954; Derby, 1897/98; Frikel, 1961, 1963, 1969; Frikel (Acervo Lúcia Hussak van Velthem); Hartt, 1895, 1898, Katzer, 1933; Miranda, 1985; Oliveira, 1928; Rauschert, 1956, 1959; Rondon, 1953; Souza, 1946; Wallace, 1979), os sítios cadastrados anteriormente (Simões, 1978; Araújo Costa et. alli, 1986) e os sítios por nós cadastrados (Pereira, 1992) consideramos uma série de elementos que nos permitiram, sugerir a hipótese da existência de uma tradição de gravuras rupestres para o noroeste do Pará. Essa tradição — a *Tradição Amazônia* — estaria definida pelas seguintes características:

1. Predomínio dos grafismos reconhecidos, representados majoritariamente, por figuras antropomorfas e zoomorfas;
2. As figuras antropomorfas são predominantes e estão representadas de maneira frontal, em posição estática e apresentam os traços identificatórios do rosto (nariz, olhos e boca) (foto 7);
3. Dentre as figuras antropomorfas predominam as representações exclusivas da cabeça que apresentam detalhes anatômicos (orelhas) e os traços identificatórios do rosto (nariz, olhos, boca, dentes, e sobrancelhas) (foto 8);
4. As figuras zoomorfas são representadas de perfil e apresentam, de uma maneira geral, pequenos movimentos (foto 9);
5. Os grafismos não-reconhecidos ocorrem de forma minoritária e se apresentam elaborados de maneira a mostrar o domínio de uma técnica de formas arredondadas;

Essas características foram observadas nas gravuras de diversos sítios registrados ao longo dos rios Outeiro, Maicuru, Erepecuru e

Cachorro. A distribuição espacial destes sítios na região nos leva a pensar na possibilidade da presença desta Tradição em todo o noroeste do Pará.

O quadro apresentado ainda é bastante geral e somente a continuidade das pesquisas na região permitirá, comprovar ou não as hipóteses apresentadas e detalhar os conjuntos gráficos considerados ou os que venham a ser identificados. A situação atual do conhecimento dos registros rupestres na região ainda nos leva a priorizar dois aspectos da pesquisa: a) a prospecção de novos sítios e; b) a classificação mais detalhada dos registros rupestres.

Nosso objetivo, no entanto, não se limita unicamente a classificação destes vestígios. Temos claro que, uma vez identificados os conjuntos gráficos, eles devem ser analisados no seu contexto arqueológico para que possamos obter mais informações sobre os autores destes registros rupestres e sua participação no processo de ocupação da região.

ABSTRACT: *Rupestrian registries of State Pará's north-west region.*

— This article presents the preliminary results of the study of rupestrian registries of State Pará's north-west region. It is based on the analysed material, we consider as sound hypothesis the existence of three traditions: two relative to rupestrian painting (Traditions Monte Alegre and Alenquer, respectively) and one relative to rupestrian engraving (Tradition Amazonia).



Foto 1 — Figura antropomorfa pertencente a hipotética Tradição Monte Alegre de Pinturas Rupestres. Sítio PA-MT-13: Serra do Sol. Município de Monte Alegre (PA)



Foto 2 — Vista geral de um painel com figuras pertencentes a hipotética Tradição Alenquer de pinturas rupestres. Observa-se figuras antropomorfas de “mãos dadas”, grafismos bastante elaborados e figuras zoomorfas. Sítio PA-OB-5: Casas de Pedras. Município de Alenquer (PA).

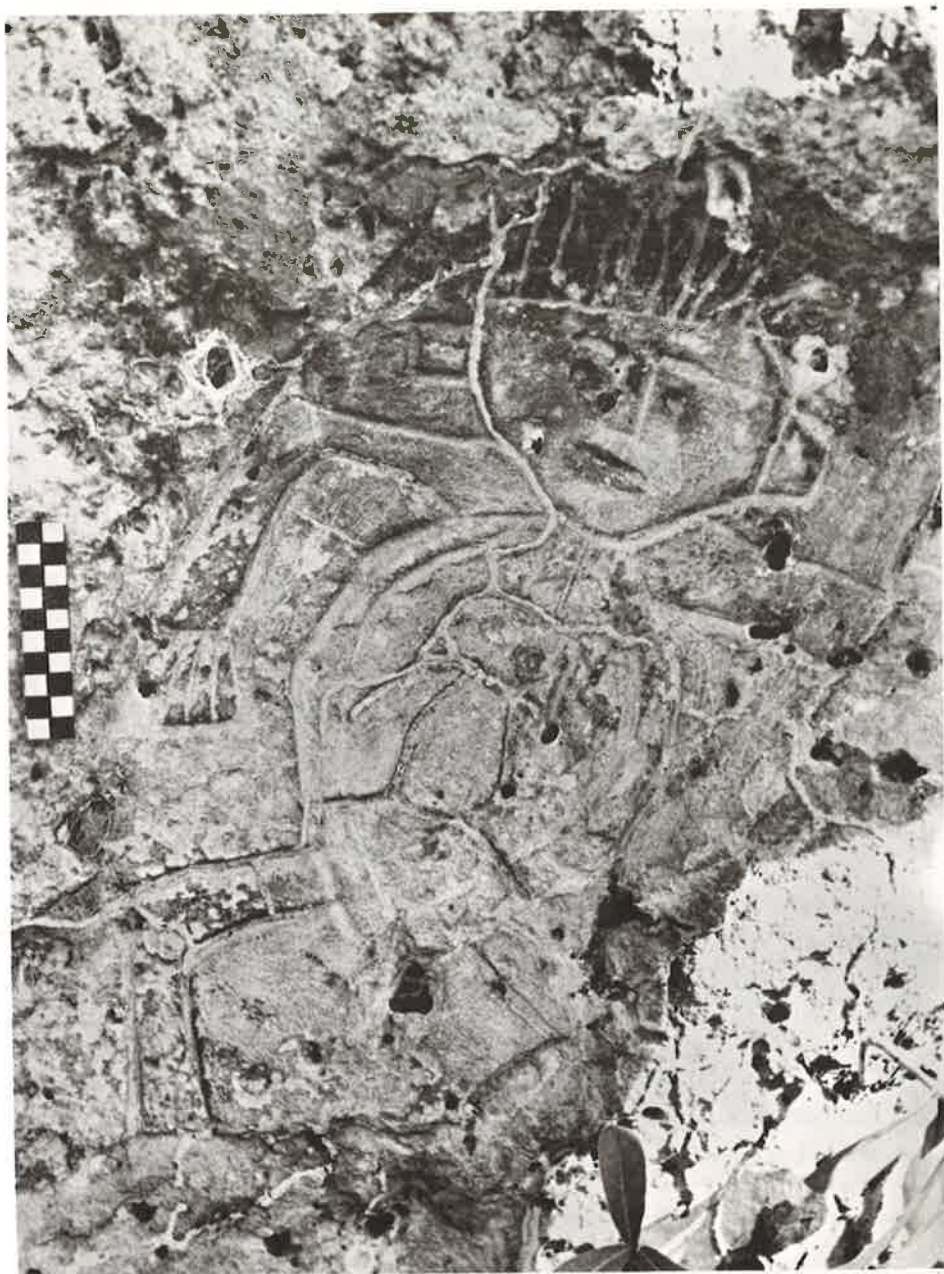


Foto 3 — Figura antropomorfa pertencente a hitopética Tradição Amazônica de gravuras rupestres. A figura apresenta restos de pintura vermelha. Sítio PA-MT-10: Serra da Careta. Município de Prainha (PA).



Foto 4 — Vista geral de um painel com gravuras rupestres pertencentes a hipotética Tradição Amazônia. Des-
taque para a figura zoomorfa localizada a esquerda da rocha. Sítio PA-MT-11: Cachoeira Miura. Município de
Monte Alegre (PA).

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Odorico Rodrigues. 1922. *Reconhecimentos Geológicos no Valle do Amazonas (Campanhas de 1918 e 1919)*. Boletim do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, nº 3. Rio de Janeiro.
- ARAÚJO COSTA, Fernanda et. alli. 1986. *Levantamento arqueológico na área da Usina Hidrelétrica de Cachoeira Porteira*. Relatório de Viabilidade. Ms Inédito. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém.
- ARAÚJO COSTA, Fernanda & PEREIRA, Edithe & SENNA, Cristina S.F. de. 1986a. *Salvamento Arqueológico em Cachoeira Porteira — Trombetas, PA*. IN: Anais do V Encontro de Pesquisadores da Amazônia. Protocolo de Integração da Universidades da Amazônia Legal. Universidade do Amazonas. Manaus.
- BARATA, Frederico. 1944. Os maravilhosos cachimbos de Santarém. In: *Estudos Brasileiros*, Vol.13. Rio de Janeiro
- BARATA, Frederico. 1950. *A arte oleira dos Tapajó* — Considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos. *Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*. Publicação nº 2. Belém, Pará.
- BARATA, Frederico. 1951. *A arte oleira dos Tapajó* — os cachimbos de Santarém. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, volume V. São Paulo.
- BARATA, Frederico. 1953. *A arte oleira dos Tapajó* — Alguns elementos novos para a tipologia de Santarém. *Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*. Publicação nº 6. Belém, Pará.
- BARATA, Frederico. 1953a. Uma análise estilística da Cerâmica de Santarém. In: *Cultura* nº 5. Ministério da Educação e Cultura.
- BARATA, Frederico. 1954. O Muiraquitã e as “contas” dos Tapajó. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, volume VIII. São Paulo.
- CONSENS, Mário. Arte rupestre no Pará: Análise de alguns sítios de Monte Alegre. IN: *Dédalo*. Publicação Avulsa nº 1. São Paulo.
- CORRÊA, Conceição Gentil. 1965. Estatuetas de cerâmica na Cultura Santarém. *Museu Paraense Emílio Goeldi*, Publicações Avulsas, nº 4. Belém.
- CORRÊA, Conceição Gentil. 1971. Cerâmica de Santarém. *Antologia da Cultura Amazônica*, vol. 6:73-77p. São Paulo.
- CORRÊA, Conceição Gentil. 1992. Artes de la Amazonia. In: *El Cuarto Continente — el arte Precolombino*. Ed. Fundación “La Caixa”, Barcelona.
- COUDREAU, Olga. 1901. *Voyage au Cuminá*. Paris.
- COUDREAU, Olga. 1903. *Voyage au Maicuru*. Paris.
- CRULS, Gastão. 1954. *A Amazônia que eu vi. Óbidos-Tumucumaque*. Coleção Brasileira, vol. 113. Ed. Nacional. São Paulo.
- DERBY, Orville. 1897/98. O Rio Trombetas. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Tomo II, fasc. 1-4. Belém.
- EASBY, Elizabeth K. 1952. *The pre conquest art of Santarem, Brazil*. University of Columbia. N. York. Mim.
- FARIAS, João Barbosa. 1946. *A cerâmica da tribo Uaboi dos rios Trombetas e Jamundá*. Conselho Nacional de Proteção aos índios.
- FIGUEIREDO, Napoleão. 1954. Arte Amazônica I. A cerâmica de Santarém. In: *Habitat* nº 15. São Paulo.

- FIGUEIREDO, Napoleão. 1963. Os problemas de uma abordagem estrutural em sociedades indígenas extintas na Amazônia: os Tapajó. In: *Revista de Educação e Letras*, vol. 1, nº 2. Universidade Federal do Pará. Belém.
- FIGUEIREDO, Napoleão. 1982. Algumas notas sobre a estatueta lítica, coletada no rio Paru (Estado do Pará, Brasil) e pertencente às coleções da Universidade Federal do Pará. *CLIO — Revista do Curso de Mestrado em História*, nº 5. Recife.
- FRIKEL, Protásio. 1961. Fases culturais e aculturação intertribal no Tumucumaque. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série nº 16, Antropologia. Belém.
- FRIKEL, Protásio. 1963. Tradição Tribal e Arqueologia no Tumucumaque. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. XIV. São Paulo.
- FRIKEL, Protásio. 1969. Tradition und Archäologie im Tumuk-Humak/Nordbrasilien. *Zeitschrift für Ethnologie*, Band 94, Heft 1, Braunschweig.
- HARTT, Charles Frederick. 1895. Inscrições em rochedos do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco*, 47:301-310.
- HARTT, Charles Frederick. 1898. Monte Alegre e Ererê. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. Tomo II, fasc. 1-4.
- HILBERT, Peter Paul. 1955. A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná. *Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*. Publicação nº 9. Belém, Pará.
- HILBERT, Peter Paul. 1955a. Tripods in the lower Amazon. In: *Anais do 31º Congresso Internacional de Americanistas*, vol.2. São Paulo.
- HILBERT, Peter Paul. 1959. Achados arqueológicos num sambaqui do Baixo Amazonas. *Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*. Publicação nº 10. Belém, Pará.
- HILBERT, Peter Paul & HILBERT, Klaus. 1980. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, baixo Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia*, Nova Série nº 75. Belém.
- HILBERT, Peter Paul. 1982. Pottery from the Cuminá river, Brazil and its affiliations with the Koriabo Phase of Guyana. *Journal of Archaeology and Anthropology*, Vol.5, nº 2.
- KALKMANN, Ana Lúcia M. & NETO, Antônio Nery da Costa. 1985. *Salvamento Arqueológico na região de Porto Trombetas (PA)*. Primeiro Relatório Preliminar. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, Pará.
- KATZER, Frederick. 1933. *Geologia do Estado do Pará*. Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, vol. IX. Belém.
- MENEZES, Ulpiano Toledo de Bezerra. 1972. *Arqueologia Amazônica (Santarém)*. Museu de Arqueologia. Universidade de São Paulo.
- NETO, Antônio Nery da Costa & KERN, Dirse Clara. 1985. *Salvamento Arqueológico na região de Porto Trombetas*.
- NETO, Antônio Nery da Costa. 1987. *Salvamento Arqueológico na região de Porto Trombetas*. IN: Resumos da IV Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Santos, São Paulo.
- NIMUENDAJU, Curt. 1949. *Os Tapajó*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Tomo X. Belém.
- NORDENSKIÖLD, Erland. 1930. *L'archéologie du bassin de l'Amazone*. Arts Americana nº 1. Paris.
- OLIVEIRA, Carlos Estevão de. 1939. A cerâmica de Santarém. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 3. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro.

PEREIRA, E. Registros rupestres do Noroeste do Pará. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(1):321-335, 1994.

PALMATARY, Helen Constance. 1939. Tapajó Pottery. In: *Ethnologisk Studier*, nº 8. Goteborg

PALMATARY, Helen Constance. 1960. The archaeology of the Lower Tapajós Valley, Brazil. *American Philosophical Society, New Series* — Volume 50, part 3. Philadelphia.

ROCHA, Walter C. 1985. *Notas sobre uma estatueta lítica arqueológica pré-histórica tapajônica — possíveis correlações culturais*. IGH do Amazonas. CODEAMA. Manaus, Amazonas.

RODRIGUES, João Barbosa. 1899. *O Muyaquitã e os ídolos simbólicos*. 2 Vols. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro.

ROOSEVELT, A.C.; HOUSLEY, R.A.; IMAZIO, M.; MARANCA, S.; JOHNSON, F. 1991. Eighth Millennium Pottery from a Prehistoric shell Midden in the Brazilian Amazon. *Science*, vol.254.

SIMÕES, Mário Ferreira. 1976. Nota sobre duas pontas-de-projétil da bacia do Tapajós (Pará). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Nova Série, Antropologia nº 62. Belém, Pará.